



INSTITUTOS SUPERIORES DE ENSINO DO CENSA
INSTITUTO TECNOLÓGICO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E
DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**LOGOTERAPIA E O SENTIDO DA VIDA NO ÂMBITO MILITAR: ENCONTRANDO
UM PROPÓSITO EM MEIO AO DEVER E AO SACRIFÍCIO**

POR

Bruna Barreto Gomes

Campos dos Goytacazes - RJ

Novembro/2025

INSTITUTOS SUPERIORES DE ENSINO DO CENSA
INSTITUTO TECNOLÓGICO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**LOGOTERAPIA E O SENTIDO DA VIDA NO ÂMBITO MILITAR: ENCONTRANDO
UM PROPÓSITO EM MEIO AO DEVER E AO SACRIFÍCIO**

POR

Bruna Barreto Gomes

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado em cumprimento às exigências
para a obtenção do grau no Curso de
Graduação em Psicologia nos Instituto
Superior de Ensino do CENSA.

Orientador: Patrick Wagner de Azevedo

Campos dos Goytacazes-RJ

Novembro/2025

Ficha Catalográfica

Gomes, Bruna Barreto

Logoterapia e o Sentido da Vida no âmbito Militar: Encontrando um Propósito em Meio ao Dever e ao Sacrifício / Bruna Barreto Gomes - Campos dos Goytacazes (RJ), 2025.

56 f.

Orientador: Prof. Patrick Wagner de Azevedo

Graduação em (Psicologia) - Institutos Superiores de Ensino do CENSA, 2025.

1. Psicologia. 2. Logoterapia. 3. Sentido na Vida. 4. Polícia Militar.

CDD 150.198

Bibliotecária responsável: Glaude Virgínia M. Régis
Biblioteca Dom Bosco

LOGOTERAPIA E O SENTIDO DA VIDA NO ÂMBITO MILITAR: ENCONTRANDO
UM PROPÓSITO EM MEIO AO DEVER E AO SACRIFÍCIO

Por

Bruna Barreto Gomes

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado em cumprimento às exigências
para a obtenção do grau no Curso de
Graduação em Psicologia nos Instituto
Superior de Ensino do CENSA.

Banca Examinadora

Prof. Patrick Wagner de Azevedo (Doutor/UFF)

Orientador

Profª. Bianca Ribeiro Rocha Ferreira (Mestra/UENF)

Avaliadora

Prof. Edson Ribeiro de Andrade (Doutor/Fiocruz)

Avaliador

Campos dos Goytacazes/RJ

2025

Aprovado em 17 de Novembro de 2025

“Encontrei o sentido da minha vida ajudando os demais a encontrarem em suas vidas um significado.”

- Viktor Frankl

“O segredo, querida Alice, é rodear-se de pessoas que te façam sorrir o coração. É então, e só então, que você estará no país das maravilhas!”

- Chapeleiro Maluco

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, quero agradecer a Deus por toda oportunidade em minha vida, não só pelas portas que me foram abertas, mas também pelos cuidados nas portas fechadas.

Um agradecimento especial à minha mãe, Flávia, por sempre me apoiar e ser meu colo de amparo e sossego, não só durante os altos e baixos da faculdade, mas principalmente da vida. Com você aprendi a ser quem sou e que uma parte de mim sempre será sua, e com sorte ainda serei metade da mulher e profissional que você é.

Um enorme obrigada ao meu pai, Rafael, que sempre me encorajou a seguir em frente e nunca mediu esforços para me ver bem. Obrigada por me aproximar de Deus e por todos os seus ensinamentos.

À minha irmã, companheira e amiga. Laís, você é minha força, minha âncora e minha felicidade. Obrigada por me ensinar a cuidar, a ouvir e a me redescobrir todos os dias.

Uma menção especial aos meus avós, que sei que sempre me apoiam e também compartilham comigo desse sonho. Obrigada vovó Vilma, vovó Silvia e vovô Fael, minha vida, minha criação e quem estou me tornando não seriam a mesma coisa sem vocês ao meu lado.

Às minhas amigas, e família, de longa data, Clara, Ana Luiza, Ana Laura e Ana Carolina, sou grata pelos momentos, risadas, choros e vivências compartilhadas durante esses mais de 20 anos de companheirismo. Obrigada por sempre se fazerem presentes, independentemente da data ou momento da vida, com vocês aprendi e ainda aprendo a ser a melhor versão de quem sou.

Aos meus amigos, companheiros de “vibe batendo”, Paulo Vitor, Ana Luiza e minha melhor amiga Fernanda, agradeço por terem se tornado família durante esses anos, por terem entrado na minha vida e trajetória, e principalmente por terem permanecido. Esses anos não teriam sido tão leves sem vocês.

Ao meu amor, companheiro de vida, sonhos e quem está ao meu lado nos momentos bons e ruins, feios e bonitos. Vitor Hugo, agradeço por me mostrar o que é amar e ser amado, escutar e também ser ouvido.

Aos meus professores e auxiliares fortes, Patrick, Bianca e Edson, agradeço por todo conhecimento compartilhado e ajuda durante essa trajetória, não apenas na criação e elaboração do TCC, mas principalmente nos 5 anos de faculdade. Sempre teremos mais a aprender com vocês.

Ao Isecensa, agradeço por terem sido casa não apenas durante os 5 anos de faculdade, mas também por todo conhecimento compartilhado e adquirido dentro da instituição desde a época da escola. Obrigada pela base educacional mas também pessoal.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA	7
1.1 Dos fundamentos da Logoterapia e o Sentido da Vida	7
1.2 Contexto e trajetória da Polícia Militar	14
1.3 O sentido dentro da área militar e suas dificuldades de atuação	20
1.4 Do sofrimento e superação humana através da possibilidade do encontro de sentido	
27	
CAPÍTULO 2: ARTIGO CIENTÍFICO	33
2.1 INTRODUÇÃO	36
2.2 METODOLOGIA	38
2.3 RESULTADOS	39
2.4 DISCUSSÃO	43
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
2.6 REFERÊNCIAS	50
CAPÍTULO 3: REFERÊNCIAS E ANEXOS	51

CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Dos fundamentos da Logoterapia e o Sentido da Vida

A Logoterapia é uma teoria da Psicologia, criada e fundamentada pelo médico e psiquiatra Viktor Frankl. Tal abordagem psicoterápica tem em sua base a crença de que toda vida é dotada de sentido, cabendo ao ser descobrir seus diferentes sentidos durante suas vivências e experiências, levando a entender que esses diferentes sentidos são responsáveis pela força de manter os sujeitos vivos a cada dia.

Frankl (1992) afirma, em sua obra “Em Busca de Sentido”, que a logoterapia é centrada em ajudar terapeuticamente o paciente a encontrar em seu futuro e presente um sentido a ser por ele realizado, afastando-se das abordagens que levam o paciente a cultivar pensamentos cílicos. Desse modo, o paciente é confrontado e reorientado em direção ao sentido de sua vida, acreditando que tomando tal ciência ele se afasta das neuroses.

O autor, em sua obra, pontua que tal abordagem está então concentrada no sentido da existência humana, assim como na busca do sujeito por esse sentido, pontuando que tal esforço para o encontro com o sentido na vida é a principal força motivacional do ser humano. Nesse contexto, esse sentido é único e específico, podendo ser cumprido apenas pelo indivíduo a que se refere; adquirindo, assim, uma importância satisfatória do que Frankl (1992) descreve como vontade de sentido.

Tal conceito por ele concebido como “vontade de sentido” é algo inovador que Frankl (1992) traz para o entendimento de uma nova dimensão do ser humano. Anteriormente, Freud compreendia o ser em apenas “vontade de prazer”.

Quando é trazida à luz esse novo campo de perspectiva do sujeito, Frankl (1992) comprehende nela a ideia de ser essa vontade responsável pela movimentação inata do sujeito de ir atrás de diferentes significados e sentidos para sua própria existência.

Nesse momento, Frankl (1992) pontua que, diferentemente do que muitos acreditam, o ser não deve ir atrás da felicidade, pois ela deve ser produto e resultado do encontro do sentido a qual se procura. Na logoterapia, a vontade de

sentido vem em consonância com uma realização de sentido, em que o resultado é a razão para a felicidade; ou seja, "com uma razão para ser feliz, a felicidade surge automaticamente como efeito colateral" (Pereira, 2007, p. 129 *apud* Moreira e Holanda, 2011)

Em consoante com tal perspectiva, Kierkegaard é citado por Frankl (1946), em uma de suas conferências, quando traz o entendimento de que a felicidade humana é algo que deve ser buscado e conquistado, falhando o sujeito em sua perspectiva e crença de que ela, um dia, irá lhe cair ao colo.

Na metáfora proposta por Kierkegaard a respeito do entendimento de que "a porta para a felicidade abre só para o exterior; quem a força em sentido contrário acaba por fechá-la ainda mais" (Frankl, 1946, p. 36), elucida tal compreensão de que quem não vai, de fato, atrás de abrir tal porta ao encontro da felicidade, passará sua vida em vão apenas acreditando na ideia de que um dia ela irá chegar.

Porém, a ideia de espera pela felicidade à custa de nada é algo muito comum na mentalidade imediatista do século atual, por acreditar que a felicidade que o outro mostra na internet, a princípio "sem esforço nenhum", um dia irá cair em seu colo também e, quando isso não ocorre, o sujeito se vê preso a um ciclo sem sentido para a vida.

Em uma pesquisa realizada na França há anos, foi revelado que 89% dos entrevistados acreditam que o homem precisa de "algo" pelo qual viver e, posteriormente, em outra pesquisa feita com alunos de uma faculdade, respondeu-se que 78% consideram como principal objetivo "encontrar um propósito e sentido para a vida" (Frankl, 1992, p.115).

Durante sua trajetória de vida, Frankl (1992) se deparou com os terríveis e torturantes anos de sua vida. Sendo judeu e estando presente nos anos da Alemanha nazista, o médico psiquiatra teve sua vida retirada de seu cotidiano e trabalho de maneira abrupta e foi jogado nos campos de concentração.

Frankl (1992) afirma que passou por quatro diferentes campos: "Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering e Turkheim". Durante esses momentos, encontrou-se sem nada, sendo reconhecido apenas como um número, "119104" e

teve seus pertences e roupas retirados. Porém, tal passagem foi decisiva para validação de sua teoria através de suas vivências.

Em seus diversos relatos sobre os momentos experienciados, Frankl (1992) relata que o lhe dava forças, sentido e esperança era a fé de reencontrar sua esposa novamente e a convicção de que seu destino seria terminar o manuscrito que havia começado antes de entrar nos campos.

Na sua obra, Frankl (1992) traz relatos próprios e de outros companheiros de campo acerca daqueles momentos de sofrimento. Além disso, cada um deles era direcionado, em suas mentes, a lugares e lembranças felizes com pessoas que amavam. Em um desses momentos contados, o autor fala que, por muitos momentos, a nitidez de tais memórias eram tão palpáveis que era possível ouvir a voz e a resposta de sua esposa, tendo em sua mente a imagem de seu semblante franco e encorajador.

O autor pontua que, nesse momento, teve a clareza de tudo que havia lido em poesias e visto em filmes, afirmado que a salvação do homem se dá através do amor e no amor que ele sente e retribui. Compreendeu, ainda, que para um ser na situação dele em que, aparentemente, nada mais restava no mundo, ainda era possível experimentar tamanha felicidade, mesmo que, às vezes, por um curto momento, através do contemplar aqueles que ama. (Frankl, 1992)

A respeito do seu escrito perdido, Frankl (1992) conta que havia perdido as esperanças de encontrar o manuscrito de seu primeiro livro o qual havia guardado no bolso de seu casaco antes de chegar em Auschwitz; passando, então, a questionar sobre toda sua existência, pontuando que sentia que nada iria sobreviver para além de si, nem criação e nem procriação.

Durante tal momento, o autor viu-se em confronto com questões de sua vida, acreditando estar desprovido de sentido. Todavia, afirma que, nesse momento, o destino resolve lhe dar algo para o que lutar por:

Foi quando tive que entregar minhas roupas em troca dos trapos surrados de um interno que já havia sido enviado para a câmara de gás logo após sua chegada à estação ferroviária de Auschwitz. Em vez de muitas páginas do meu manuscrito, encontrei num bolso do casaco recém-adquirido uma única página arrancada de um livro de orações em

hebraico, contendo a oração judaica mais importante, o Shemá Israel. Como deveria eu ter interpretado tal ‘coincidência’, se não como um desafio para viver meus pensamentos, em vez de colocá-los no papel? (Frankl, 1992, p. 123)

Assim, entende-se que o ser humano não é condicionado e seu destino não é determinado; mas, na verdade, é o próprio sujeito que o determina, rendendo-se às circunstâncias ou enfrentando-as. Frankl (1992) traz o entendimento de que o homem é autodeterminado. Sendo assim, sua existência depende do que ele faz a cada instante, devendo o indivíduo assumir sua liberdade e ser responsável por suas escolhas e atitudes.

Desse modo, o criador da Logoterapia nos traz a ideia e perspectiva de “dizer sim para vida, apesar de tudo”, entendendo que a vida sempre traz consigo uma possibilidade de ser configurada e vivida pelo ser humano de tal forma que sua existência seja dotada do sentido encontrado por ele.

Tal teoria carrega em sua base a noção de que o sentido da vida é um chamado de cada indivíduo, independente de ele ser singular e insubstituível. Por isso, Frankl (1992) afirma que cada sujeito possui sua vocação ou missão específica, sendo algo a que o ser deve ir ao encontro para cumprir.

Nesse modo, o autor (1992) esclarece a ideia de que, nesse ponto de sentido e missão própria no mundo, o ser não pode ser substituído por outro, e a vida dele é única, sendo essa a sua chance para perseguir tal chamado. Assim, a tarefa dos seres humanos é única e singular, tal como sua capacidade específica de realizá-la . (Frankl, 1992)

Frankl (1992) pontua que o papel desempenhado por um logoterapeuta deve ser como o de um oftalmologista, no qual o objetivo está em ajudar o paciente a ampliar e expandir seu campo visual, de modo que aquele sentido em potencial se torne visível e perceptível à consciência do sujeito.

A Logoterapia, então, concebe o ser humano como um ser aberto para o mundo e, por conseguinte, para os valores e as pessoas nas quais, no encontro com o outro e seus diferentes sentidos, é possível encontrar os seus próprios.

Frankl (1946) afirma que a realização de sentido se torna possível por meio de três valores principais: os valores de criação, os de experiência e os de

atitude. O primeiro valor diz respeito à capacidade humana de encontrar sentidos ao realizar alguma coisa, ao agir, ao criar algo, ao realizar uma obra. Em segundo plano, no valor da experiência, temos a ideia do encontro do sentido nas vivências, podendo ser o amor pela natureza, arte ou pessoas, por exemplo. E, por fim, na ideia desse encontro através da tomada de posição ou mudança de direção diante das incontornáveis limitações de suas possibilidades, na maneira como se posiciona e comporta em relação a elas.

Com esse entendimento das escaladas de valores, Frankl (1946) postula que é só quando o ser humano não possui mais nenhuma possibilidade de realizar os valores criadores e quando o sujeito já não está mais em condições de configurar o destino, só então ele poderá realizar os valores de atitude, pois só nesse momento ele encontrará um sentido para “carregar sua cruz”.

A essência do valor de atitude reside, então, na forma como o sujeito se submete ao irremediável, ou seja, ao pressuposto da realização desses valores em tratar, realmente, de qualquer coisa irremediável.

Em paralelo, Rudolf Eucken foi um filósofo alemão que desenvolveu uma filosofia idealista centrada na busca do espírito humano por um sentido mais elevado de existência. Sua proposta filosófica, conhecida como "ativismo espiritual", enfatiza que o ser humano é um ser de tensão entre o mundo natural e o espiritual.

A vida adquire sentido quando o indivíduo se engaja em um processo de autotranscendência, cultivando valores éticos, culturais e espirituais que o conectam a uma realidade superior. Essa perspectiva implica que a existência humana tem como finalidade a realização do espírito por meio da ação moral, da reflexão e do compromisso com a verdade.

Eucken (1962) argumenta que a sociedade moderna, embora marcada por avanços científicos e tecnológicos significativos, sofre de um afastamento progressivo dos valores espirituais que conferem sentido mais profundo à existência humana. Para o filósofo, o ser humano não pode se limitar a uma existência puramente material, sendo necessário um esforço consciente de elevação espiritual e busca por um propósito superior. Essa desconexão entre

progresso material e realização interior, segundo Eucken, contribui para uma sensação crescente de vazio existencial, na qual o indivíduo se percebe desorientado e carente de direção.

Eucken (1962) destaca a importância da liberdade e da responsabilidade na construção do sentido da vida. Ele afirma que a verdadeira liberdade não é a ausência de restrições, mas a capacidade de escolher o bem e agir de acordo com valores superiores. Essa liberdade implica uma responsabilidade ética diante de si mesmo e da sociedade.

Nesse paralelo, vemos que muitas colocações e pontuações para os autores se conectam nas diferentes formas de pensar sobre o sentido na vida do sujeito. Frankl irá trazer em sua vivência no campo de concentração, tal importância citada por Eucken do espiritual, na qual afirma:

Apesar de todo o primitivismo físico e mental incontornáveis da vida num campo de concentração, era possível crescer na vida espiritual. As pessoas mais sensíveis, acostumadas à vida intelectual, devem ter sofrido uma dor imensa (em geral, tinham um físico delicado), mas o dano a sua vida interior foi menor, pois conseguiam se proteger das terríveis circunstâncias, refugiando-se numa realidade de riquezas interiores e de liberdade espiritual. Só assim é possível explicar um aparente paradoxo: alguns prisioneiros de estrutura mais frágil pareciam sobreviver melhor à vida nos campos do que os de natureza mais robusta. (Frankl, 1992, p.61)

A frase “Quem tem um porquê, enfrenta qualquer como” de Friedrich Nietzsche, entra como forte associação ao até aqui trabalhado. Frankl, regularmente, utiliza-se dessa frase como alicerce de sua teoria, na qual exemplifica que os diferentes sentidos encontrados na vida não irão trazer ao sujeito a inexistência de problemas em seu cotidiano, mas sim servirão como base de ajuda a enfrentá-los, e uma forma de se reerguer durante suas dificuldades.

Nos dias atuais é comum o aumento do foco em tal temática, visto que a cada dia mais o ser humano se encontra na inautenticidade perante a falta de sentido na vida. Com o passar dos anos, e avanços tecnológicos, a sociedade se depara cada vez mais com diferentes informações e, ao mesmo tempo, pouco ensinamento para recebê-las.

O sujeito, então, encontra-se lançado a meios diferentes para seguir em sua vida e previamente sem nenhum direcionamento de como fazer suas escolhas de forma subjetiva e individual; ocorrendo, então, o fluxo de massa e o acompanhamento das pessoas dentro desse ciclo para que possam se inserir na sociedade.

Assim, o sujeito se depara com o que é pontuado por Frankl como “vazio existencial”, em que esse ser não sabe mais como existir sem que lhe tenha alguém ditando o que deve ser feito ou pensado, levando muitos ao que conhecemos como mal do século, ansiedade e/ou depressão.

Frankl traz a ideia de “vácuo existencial” como algo relacionado a uma neurose sociogênica, visto que é algo que ocorre em massa. Pontua em sua obra de 1989 que a origem desse vazio se dá devido ao fato de que a sociedade atual “[...] gratifica e satisfaz virtualmente qualquer necessidade, com exceção de uma só, da necessidade de um sentido para a vida” (Frankl, 1989, p.18).

O autor traz o entendimento de que tal vazio, também, pode estar relacionado ao tédio pós-semana de trabalho, no qual o sujeito não sabe o que fazer em seu tempo livre:

O vazio existencial se manifesta principalmente no estado de tédio. Agora podemos entender o filósofo Schopenhauer, que disse que a humanidade estava condenada a oscilar entre dois extremos: tédio e angústia. Na verdade, o tédio tem causado mais problemas para a psiquiatria do que a angústia. E esses problemas estão cada vez mais cruciais, pois o crescente processo de automação provavelmente levará a um enorme aumento nas horas de lazer disponíveis para o trabalhador comum. É triste que muitos deles não saberão o que fazer com todo o seu tempo livre recém-adquirido. (Frankl, 1992, p.118)

Frankl pontuava em sua prática clínica que cada vez mais os pacientes buscavam pela psiquiatria por duvidarem do sentido de suas vidas ou porque haviam perdido a esperança de achá-lo. Acrescenta que 20% das patologias derivam-se da perda do significado da vida. (Frankl, 1989, *apud* Aquino, 2013).

Assim, é notório que um tema relativamente antigo segue refletindo nos moldes da sociedade atual, sendo necessária uma mudança na forma de pensar e agir, fazendo com que o sujeito encontre no psicólogo logoterapêutico um auxílio e ajuda para encontrar sua responsabilidade e vontade de sentido.

“Encontrei o sentido da minha vida ajudando os demais a encontrarem em suas vidas um significado”. (Frankl, 1991, p. 259)

1.2 Contexto e trajetória da Polícia Militar

Desde a antiguidade, já se fazia necessária uma instituição de poder que possuía em seu intuito a ordem social e a preservação da paz. Tal grupo foi criado desde a Grécia Antiga e, na cidade de Atenas, o papel da polícia política consistia em evitar fugas e rebeliões, além de impedir a aristocracia rural, que era marcada pela conspiração, por ociosidade tanto quanto por ambição, contra a democracia no seio de múltiplas sociedades secretas. (Lima; Ribeiro, 2011)

A criação da Polícia Militar no Brasil se deu no ano de 1809 com a implementação da Guarda Real de Polícia, estando o seu brasão até os dias atuais esculpido nas viaturas policiais com suas iniciais GRP, a qual tinha seus moldes de atuação e público voltados às características próximas de como ainda são nos dias atuais.

Segundo Cabral (2011), Nelson Sodré afirma que a Guarda Real de Polícia pode ser definida da seguinte maneira:

A Guarda Real de Polícia era, segundo a lei que a criou, uma organização permanente, consistindo o seu serviço ordinário, dentro e fora dos municípios, em destacamentos à disposição dos juízes de paz, criminais, presidentes de províncias e ministro da Justiça (Cabral, 2011, p.2).

Mesmo com as mudanças das formas de exercício do poder, passando do Brasil Império para a República, é contínua a necessidade de uma forma de proteção social, não apenas vista como um órgão público de ordem social, mas também como um apoio para a garantia dos direitos civis e sociais.

Com as modificações sociais e avanços ao longo dos anos, a Instituição Polícia passou por transformações, evoluiu de um órgão repressor estatal para um órgão defensor da lei e da sociedade, servindo ao Estado e à coletividade. Possuía, também, uma autonomia funcional para melhor atender à segurança pública e era fiscalizada por órgãos constitucionalmente constituídos e pela sociedade. (Lima; Ribeiro, 2011)

No fim do século XIX e início do século XX, foi notada a necessidade de uma implementação e modificação do “Modelo Policial Profissional”, trazendo à tona a perspectiva da importância da profissionalização e modernização do modelo que revogou à época, trazendo em suas bases princípios burocráticos e militares, e com ênfase na aplicação da lei.

Esse modelo inserido exerceu influência substancial sobre a estrutura organizacional e as práticas operacionais das instituições policiais, promovendo a modernização e a profissionalização do setor de segurança pública. Contudo, a rigidez inerente a esse modelo, bem como seu foco predominante na aplicação estrita da lei, têm sido objetos de críticas. Tais críticas enfatizam a necessidade de uma maior aproximação entre a polícia e a comunidade, além da adoção de estratégias de atuação mais humanizadas no enfrentamento da criminalidade.

Dentro do Modelo Policial Profissional, suas características estão ligadas e estipuladas como formas que se distinguem das formas tradicionais de atuação. Entre seus principais elementos, destaca-se o investimento na formação policial, por meio de cursos, treinamentos e desenvolvimento de habilidades técnicas essenciais, como comunicação eficaz, resolução de conflitos e tomada de decisões estratégicas. Essa formação visa não apenas à capacitação técnica, mas também ao aprimoramento do julgamento profissional e do preparo emocional dos agentes.

Outro aspecto fundamental é a valorização da ética e da disciplina, entendidas como pilares indispensáveis para assegurar a integridade institucional e fortalecer a confiança da população nas forças de segurança. A promoção de uma conduta ética, associada à honestidade e à disciplina no exercício das funções, contribui para a construção de uma imagem institucional respeitável e comprometida com os direitos dos cidadãos.

Adicionalmente, o modelo profissional pressupõe a capacidade de adaptação dos policiais a diferentes contextos operacionais, desde ações de policiamento ostensivo até investigações complexas. Essa flexibilidade operacional é essencial para responder às diversas demandas da sociedade contemporânea em matéria de segurança pública.

A adoção desse modelo visa à obtenção de uma série de benefícios. Entre eles, destaca-se o aumento da confiança da sociedade nas instituições policiais, impulsionado por uma atuação mais ética, técnica e profissionalizada. A resposta mais eficaz à criminalidade também é uma das metas centrais, uma vez que o aprimoramento dos recursos humanos e operacionais tende a elevar a capacidade de resolução de delitos e de garantia da ordem pública. Além disso, o modelo promove uma ênfase na prevenção, por meio da utilização de estratégias como o policiamento de proximidade, que busca reduzir os índices de criminalidade a partir da criação de vínculos com a comunidade.

Entretanto, a implementação desse modelo não está isenta de desafios. Um dos principais obstáculos refere-se à necessidade de investimentos contínuos, tanto em formação quanto em infraestrutura e equipamentos adequados, que permitam aos agentes desempenhar suas funções de forma eficiente. Outro desafio relevante é a mudança cultural dentro das corporações, exigindo a superação de práticas arraigadas e a adesão dos policiais a uma nova abordagem pautada na ética, no respeito aos direitos humanos e na profissionalização. Por fim, destaca-se a importância do engajamento comunitário, visto que a eficácia das políticas de segurança pública está fortemente condicionada à participação ativa da sociedade na construção de soluções para os problemas locais.

No âmbito atual da formatação da atuação da Polícia Militar, é notório que existe em seu percurso e direção uma disciplina de atuação, que pode ser considerada por muitos, uma forma robotizada de tratamento, na qual para cada posição em que se encontra dentro de um batalhão o sujeito deve se portar de uma determinada forma e tal forma deve ser exercida em unanimidade por todos os membros da organização.

Nesse sentido, o corpo da Polícia Militar desenvolve em sua caracterização e imagem uma forma padronizada de vestimenta, conduta e pensamento, compreendidos pelos sujeitos que ali estão inseridos, e pela sociedade. Logo, todos são um e o grupo é a imagem da organização, representada por um líder de posição superior aos demais encarregados dos comandos e ordens diretas.

No âmbito da instituição policial, essas construções simbólicas operam como dispositivos estruturantes da lógica militarizada, delimitando papéis hierárquicos, critérios de autoridade e exigências de obediência. A consolidação de um *ethos* policial-militar atua como um sistema de significações internalizadas que orienta percepções, condutas e relações interpessoais, sendo facilmente reconhecido por qualquer sujeito que interage com a figura do policial. Tais símbolos exercem forte influência sobre os processos de subjetivação dos agentes e contribuem para a manutenção de práticas institucionais normativas.

O conceito de *ethos* dentro da Polícia Militar pode ser entendido, então, como um conjunto de valores, normas, crenças e práticas que moldam a identidade, os comportamentos e as atitudes dos indivíduos dentro da instituição policial-militar.

Está relacionado a uma cultura organizacional específica que influencia a forma como os policiais percebem sua função, sua relação com a sociedade e com seus colegas de trabalho, assim como a maneira como se identificam com a hierarquia e com os ideais da disciplina militar. Pode-se estar relacionado a um conjunto de regras implícitas e simbólicas que regula as interações dos indivíduos dentro da corporação, sustentando a percepção de autoridade e de obediência.

Tal entendimento acaba por promover comportamentos que são, muitas vezes, internalizados pelos policiais ao longo de sua formação e experiência profissional, na qual se cria um senso de pertencimento e lealdade à instituição, além de reforçar a ideia de que os policiais são agentes encarregados de manter a ordem e proteger a sociedade, muitas vezes de forma autoritária e distante da figura de um servidor público comum.

Uma problemática levantada a respeito de tal *ethos* policial-militar é que os sujeitos acabam por, muitas vezes, encontrarem-se imersos a tais comandos, possibilitando uma visão e percepção de dever para com uma obediência às ordens sem questionamento, a ideia de superioridade moral e a centralidade da disciplina, além de um certo distanciamento emocional em relação à comunidade que deve ser protegida.

Considerando a problemática voltada à padronização da atuação e pensamento de tal órgão voltados para o social estar relacionado a atitudes e comandos do chefe militar, uma vez que é a partir de seus comandos que toda a equipe irá funcionar e representar, tirando do sujeito uma perspectiva própria de atuação.

Durante uma entrevista com o professor e sociólogo Thiago Torres, em um podcast no *Youtube*, o *PodPah*, transmitido em Julho de 2025, Thiago problematiza o uso da farda policial, afirmando que existem sujeitos progressistas e de pensamentos menos arcaicos dentro da corporação, porém o ambiente a sua volta se torna emblemático a partir do momento em que essas pessoas tornam-se marionetes dessa instituição, muitas vezes se virando contra o próprio povo, pois não terão lugar de crescimento dentre delas a não ser que atuem de acordo com os comandos.

Como exemplo utilizado pelo sociólogo, são mostradas imagens de uma instituição treinando seus policiais, em que o “tiro ao alvo” é representado pela palavra “favela”. Tal relato levanta o questionamento a respeito de até onde o *ethos*-policial pode ser considerado próspero e saudável em uma corporação; visto que, mesmo que sejam os profissionais-base que estão nas ruas e em confronto de frente, toda a problemática está no comando dado por quem está em cargo superior.

Com um olhar social e psicológico, é perceptível que as diferenças individuais são deixadas de lado para dar entrada ao código de conduta exercido na área apresentada, em que o policial deve ser um meio de emissão tão somente de respostas, seja na interação com os superiores ou até mesmo no contato com os cidadãos. (Cabral; Coutinho, 2018).

Assim, o que vemos atualmente da Polícia Militar é o reflexo da sociedade em que estamos inseridos e a forma de visão e perspectiva que teremos a respeito de sua atuação acaba sendo fruto desse lugar e dessa cultura. Em 2020, a mídia do mundo presenciou um atentado contra a vida de um homem negro nos Estados Unidos, o George Floyd, fato que percorreu os meios de comunicação com a mensagem unânime de criminalização do policial presente no momento retratado.

A visão de descontentamento populacional não deve ser ignorada, mas apenas discutida a partir da generalização da perspectiva da má atuação das Polícias Militares. Como um órgão de segurança e defesa da lei e da sociedade, é comum que sua atuação seja retratada em confrontos armados, nos quais muitos resultam em mortes. Tal discussão é necessária, mas a problematização da violência social e necessidade de força bruta nas abordagens policiais é algo de cunho político e estatal.

Nesse contexto, faz-se necessária a busca por um diferente olhar sobre a atuação e presença das Políticas Militares brasileiras em seu dia a dia, buscando entender a visão e perspectiva desses profissionais que, em seu cotidiano, estão sujeitos a diferentes formas de violência e negligência estatal, tendo como ressalto a subjetividade e experiência das práticas atuais.

Com esse viés em mente, o Instituto de Segurança Pública (ISP) - RJ SEGURANÇA, vinculado à Secretaria de Estado de Segurança Pública do Rio de Janeiro (SESP), elaborou um projeto com o objetivo de implementar um programa de formação profissional para policiais dentro da política estadual de segurança pública.

Essa iniciativa visa a fortalecer a atuação das polícias e contribuir para a redução da violência e da criminalidade no estado. O pilar da política estadual de segurança pública com foco na formação profissional possui sua base na busca pela melhoria do serviço prestado à população e a redução da violência. (Poncioni, 2005).

Durante as mudanças sofridas ao decorrer dos anos, surgiram novas formas de policiamento dentro da Polícia Militar. Dentre elas, a Polícia Comunitária, cujo objetivo principal é o estreitamento das relações entre a corporação, a população e a polícia de proximidade, que se caracteriza pela atuação focada em áreas específicas, com o propósito de compreender as demandas locais e os problemas vivenciados pela comunidade.

Tais estratégias representam uma evolução do modelo policial profissional, na medida em que procuram aliar a eficiência operacional à

construção de vínculos de confiança e respeito mútuo entre a polícia e os cidadãos. (Vantroba; Camargo; Prazeres; Lima, 2023)

1.3 O sentido dentro da área militar e suas dificuldades de atuação

Na profissão da área militar, os comandos, códigos e padrões de vestimenta e atuação são coisas presentes no dia a dia em que, mesmo sem o distintivo e farda, o comportamento policial de atenção e disciplina na conduta não mudam, estando os profissionais em constante estado de alerta devido ao peso que carregam da segurança pública.

Em diferentes obras e filmes sobre tal área é comum a representação da formação desses policiais, sendo eles redigidos com seus costumes e formas de pensar e modificados para entrada em um grupo no qual um vale e conta como o todo, devendo esse grupo estar em constante harmonia e padrão cognitivo de pensamento e atuação.

Na ideia e desenvolvimento do grupo, Freud aponta que os indivíduos ali dispostos acabam por renunciarem o seu próprio eu em prol do ideal do grupo, que seria representado pelo líder. Assim, o teórico afirma que a dinâmica grupal é construída e possui sua base nos laços de identificação presentes entre os membros a partir do líder referencial daquele grupo específico, sendo esse líder o objeto amado que é por eles colocado no lugar do eu. (Samico, 2016)

Dentro da psicologia, conceituamos esse comportamento como perda da subjetividade e despersonalização do ser humano, entendendo-se, por isso, que durante o processo, em que o Policial possui um corte de cabelo padronizado e uma apresentação pessoal de acordo com o exigido pelo regulamento, ele acaba por perder as suas próprias formas de se mostrar e apresentar ao mundo externo.

Na perspectiva dos autores Cabral e Coutinho (2018):

[...] nos pavilhões pedagógicos dos batalhões existe um grande espelho, colocado em um local estratégico de forma que todo policial que entra em alguma sala de aula tenha nele sua imagem refletida. Alguns espelhos ainda possuem a inscrição 'Esse espelho reflete você e você reflete a PMERJ' (Cabral e Coutinho, 2018, p. 4)

Assim, é vista a propagação de imagem do sujeito como o grupo no qual está inserido, ensinando a esses policiais desde sua entrada na preparação que a

aparência e postura de um policial devem ser expressadas a todo momento, estando eles refletindo a imagem que a polícia deve representar e se sustentar.

Durante o processo de despersonalização é comum que o sujeito se perca de si, não encontrando sentido e motivação para permanecer como sujeito próprio, apenas seguindo na inautenticidade, configurando-se como uma máquina reproduutora dos padrões e normas postuladas para si por um superior.

Segundo Freud, o ser humano desenvolve uma espécie de amor e devoção pelo seu superior, podendo estar relacionado à religião ou a pessoas do dia a dia pelo qual o sujeito possui admiração. Assim, no contexto militar, temos cargos e posições distintas para cada profissão, existindo sobre todos eles um comandante superior, o qual dá ordens e condutas ao batalhão.

Nessa visão, vemos uma transferência de sentido e percepções, em que o sujeito se deixa de lado para dar abertura aos comandos que recebe do superior. Em comunhão a esse comportamento, Viktor Frankl (1992) traz em seus relatos a respeito do vazio existencial em sua obra “Em busca de sentido”, onde ele pontua tal fenômeno como algo generalizado no século XX, sendo por muitos marcados pela perda de sentido e de auto consciente de como gerir sua própria existência.

Frankl (1992) traz esse movimento como sendo fruto da perda de instinto sofrida pelo homem ao longo de sua história em que, atualmente, depara-se com a liberdade de fazer o que escolher com a vida e acaba por ficar preso na inautenticidade de não saber como prosseguir.

Nenhum instinto lhe diz o que ele deve fazer e nenhuma tradição lhe diz o que ele deve fazer. Em vez disso, ele nem sabe o que deseja fazer e acaba fazendo o que os outros fazem (conformismo) ou o que os outros desejam que ele faça (totalitarismo). (Frankl, 1992, p. 117)

Durante tal período vivenciado por Frankl, existia dentro dos campos o comando do Capos, que eram formados por prisioneiros judeus que possuíam em suas características certas qualidades que a guarda lá presente acreditava ser positivo para ser utilizada como alicerce das forças armadas, passando a serem considerados os superiores dos demais prisioneiros.

Nesse sentido, esses, antes prisioneiros, e agora atuantes da Capos, ao passarem anos em meio aos comportamentos considerados desumanos nos campos de concentração, acabavam por se acostumarem com tal forma de lidar e viver a vida, sem a maior capacidade de produção de questionamento e mudança de atitude.

No livro “Em busca de sentido - Viktor Frankl” o escritor traz a seguinte perspectiva desses superiores Capos:

Muitas vezes, eles eram mais severos com os prisioneiros do que os guardas e batiam neles com mais crueldade do que os homens da ss. É claro que os capos eram escolhidos apenas entre os prisioneiros dotados de uma natureza inclinada a tais procedimentos e, se não agissem de acordo como esperado, eram imediatamente removidos. Em pouco tempo eles se tornavam bem parecidos com os oficiais da ss e os encarregados do campo. (Frankl, 1992, p. 31)

No filme brasileiro, popularmente conhecido “Tropa de Elite”, é elucidado tal movimento, no qual os policiais durante suas abordagens dentro das comunidades se vêem obrigados a deixar de lado seus pensamentos, valores e diferentes formas de agir para dar espaço à execução do comando recebido. Caso não façam como ordenado, sabem que serão punidos pela diferente conduta.

Na teoria da Logoterapia proposta por Viktor Frankl (1992), o autor pontua que o ser humano não possui um sentido inato dentro de si, mas sim uma vontade de sentido e liberdade de ir ao encontro dela. Assim, os sentidos presentes na vida do sujeito são encontrados por ele de forma única e pessoal durante seu desenvolvimento linear como indivíduo.

O pensador, em uma das suas conferências ministradas, traz o olhar sobre a construção do sentido na vida humana, pontuando que a vida sempre irá fornecer uma possibilidade de realização de sentido para os sujeitos, por isso pode-se compreender que, facultativamente, a vida sempre terá um sentido próprio, podendo a existência humana ser compreendida como algo a ser moldado com sentido até o último suspiro. (Frankl, 1946 , p. 46)

Para o criador da Logoterapia, é possível compreender no sujeito três formas de ir ao encontro com o sentido de sua vida, por meio da capacidade de amar, de trabalhar e de suportar o sofrimento.

Assim, Frankl irá trazer a ideia de construção de sentido diante do sofrimento, em que o ser é capaz de, quando em encontro com situações de risco ou dor, encontrar bases e sentidos para sua vida, mantendo-o firme para suportar sua caminhada naquele lugar ou situação.

Nessa perspectiva, o pensador base da Logoterapia traz em sua análise o entendimento de que não devemos tentar tirar o sofrimento do ser humano, mas ter nessa dimensão a perspectiva de que é nos momentos de tensão que o homem encontra-se desafiado a cumprir esse sentido potencial de sua vida. Entendendo que:

Na verdade, o homem não precisa de um estado sem tensões, mas de luta: a luta por um objetivo que valha a pena, uma causa escolhida livremente. Precisa não da descarga da tensão a qualquer custo, mas da chamada de um sentido potencial esperando para ser realizado por ele; não da homeostase, mas do que chamo de "noodinâmica, ou seja, uma dinâmica existencial baseada numa saudável tensão entre o sentido a ser realizado e o indivíduo que o realizará. (Frankl, 1992, p. 117).

Tendo tal perspectiva como base e entrelaçando-a com o mencionado a respeito da área militar, é notória uma semelhança no discurso de Frankl com a vivência desses sujeitos, em que surge o questionamento do por que fazer isso e seguir tal área como profissão, buscando relacionar a descoberta do sentido próprio com a capacidade de suportar sofrimento e trabalho que o autor propôs.

O órgão policial, além dos desafios na carreira, vem enfrentando nos dias atuais os desafios na rua e na sociedade, por ao longo do tempo ter perdido dentro da visão populacional o olhar de respeito e reconhecimento de sua atuação.

No cenário atual brasileiro, um dos principais desafios enfrentados pela Polícia Militar é a sobrecarga operacional aliada à carência de recursos materiais e humanos. A complexidade crescente da criminalidade, a precarização das condições de trabalho, o déficit na formação continuada e os frequentes episódios de deslegitimação institucional compõem um cenário que exige não apenas resiliência por parte dos profissionais, mas também uma revisão estrutural por parte do Estado.

No episódio doze (12) da 8^a temporada da série de tv “Smallville”, vemos um policial que está travado em uma luta interna durante seus momentos de

atuação com o grupo policial em que se encontra. O personagem Danny, mostra-nos durante tais embates que sua prioridade na rua é voltar para casa a salvo, tendo sua família como sentido e base para continuar lutando todos os dias nas dificuldades enfrentadas na rua.

Com o desenvolver do episódio, conhecemos mais sobre a família desse personagem, cuja mulher durante uma de suas trocas com o personagem principal, afirma que todo dia que acorda está com o coração apertado de saber que seu marido estará em perigo nas ruas novamente, correndo risco de morte e acidentes iminentes.

Assim, tal representação nos mostra não apenas o paralelo do peso carregado pelos oficiais em seu dia a dia na profissão, mas também de seus familiares e amigos que convivem com a angústia diária da possibilidade de perda de uma pessoa querida.

No que tange à formação e capacitação profissional, há uma carência de treinamentos contínuos voltados à mediação de conflitos, aos direitos humanos e à gestão de crises. Tal lacuna dificulta a adoção de práticas mais modernas e humanizadas, perpetuando abordagens, muitas vezes, autoritárias e distantes da lógica comunitária. Nesse viés, a crescente exposição dos agentes de segurança a situações de risco, somada à pressão social e midiática, contribui para o adoecimento psicológico dos profissionais.

Nesse cenário, é fundamental que o Estado assuma uma postura proativa no fortalecimento da Polícia Militar. Isso implica investimentos estruturais, como a modernização de equipamentos e tecnologias, mas também em políticas de valorização profissional, por meio de planos de carreira, incentivos salariais e programas de qualificação continuados. Paralelamente, torna-se essencial fomentar uma cultura institucional orientada pela transparência, pelo respeito aos direitos fundamentais e pela aproximação com a comunidade.

Assim, os policiais não apenas lidam com as dificuldades da rua, dos confrontos armados, da incerteza da segurança da própria vida, mas também com a má visão populacional sobre si e a falta de apoio estatal na promoção de políticas públicas que auxiliem o seu exercício da profissão. Quando temos essa

visão e perspectiva de mundo a respeito de tal área, surge o questionamento e a necessidade de compreensão do encontro de sentido em sua atuação e perseverança.

Na perspectiva da Psicologia Existencial, o ser humano pode ser compreendido para além da visão biomédica no olhar apenas para o corpo e da visão psicológica do olhar voltado mais para a psique humana. O existencialismo traz consigo o entendimento do sujeito como uma dimensão bio, psico e espiritual em que se entende a dinâmica espiritual para além do religioso, possuindo uma compreensão mais de que, em tal dimensão espiritual, encontraremos o sujeito em si, sua transcendência, seus valores e sentidos.

Segundo Frankl (1978), é nessa dimensão espiritual que encontramos a essência do ser humano, devendo ser vista então como algo muito mais antropológico que religioso. É nessa dimensão que mora a peculiaridade e subjetividade de cada ser e é nela que devemos procurar os diferentes sentidos compreendidos em um só sujeito.

Não é apenas o somático que se abre ao psíquico, mas igualmente o psíquico ao espiritual. Enquanto o corpóreo precisa do psíquico para a sua realização, da mesma forma depende do espiritual para a sua plena realização. Se alguma coisa corporal é possível, é realizada pelo psíquico, porque é uma necessidade espiritual. (Frankl, 1978, p.122, *apud* Moreira e Holanda, 2010, p. 349).

Na visão da área apresentada no trabalho, é comum que a sociedade tenha em si uma falta de sentido para vivenciar as batalhas traçadas e experienciadas pela Polícia Militar, tendo a visão dessa área como algo bruto e de cunho exterminador.

Em uma pesquisa publicada pela Revista Mosaico a respeito da escuta clínica de policiais militares, Samico (2016) traz a seguinte reflexão:

A farda funciona como um ícone de tudo que a corporação representa e acaba por se tornar um catalisador de significações e identificações. O resultado disso é que em alguns policiais tão fortemente identificados com a farda, quando passam por situações de intensa pressão psicológica e estresse, recorrem à negação de seus afetos. Estes afetos negados não deixam de existir e, portanto, de afetar, muitas vezes gravemente, a saúde mental e física dos policiais, assim como suas relações familiares, sociais e profissionais. Isso se exemplifica em alguns fenômenos clínicos muito comuns nos policiais com quem tivemos contato: insônias sem motivos aparentes, crises de angústia recorrentes

e passagens ao ato de grande gravidade, como impulsos suicidas e homicidas. (Samico, 2016, p. 13)

Quando postulamos determinado foco em que a farda significa o peso que ela sugere para quem a carrega, é possível encontrar o local onde muitos sujeitos que atuam nessa área acabam por se esconder, por mascarar seus sentimentos e dores ou por encontrar significado em sua vivência.

No filme “I Love a Man in Uniform” do diretor David Wellington, lançado em 1993, mostra a história de Henry Adler, um funcionário do banco, introvertido e solitário, e ator esforçado que acaba por conseguir um papel em que ele irá interpretar um policial, porém no decorrer da obra vemos que sua imersão no personagem acaba por levá-lo a um processo de alienação e ruptura de sua antiga identidade.

O personagem projeta em seu uniforme policial não apenas autoridade e poder que uma farda representa, mas uma versão que acredita ser a ideal de si mesmo, um sujeito forte, respeitado e admirado. Nesse sentido, é perceptível que o uniforme funciona para Henry como uma máscara social, servido para mediar sua relação com o mundo a sua volta, mas que por fim acaba por dominar e encobrir seu eu autêntico.

Assim, vemos um personagem que, no início, era marcado por solidão, profundo vazio existencial e falta de vínculos significativos. Não encontrando respostas para o “porquê” de sua vida, acaba então por mergulhar no seu papel de policial como uma forma de encontrar um lugar no mundo, uma forma de ser visto e valorizado, tirando e escondendo de si o sofrimento presente em seu eu.

Através do olhar da Logoterapia, pode-se compreender que tal movimento feito pelo personagem está voltado para o seu anseio por sentido e pertencimento em sua vida, encontrando na farda e na imagem que ela carrega consigo esse conforto e ideal, tornando-a para ele um símbolo de identidade que lhe confere valor, reconhecimento e direção.

Ademais, tal fuga do sofrimento mencionada pelos policiais na pesquisa citada acima reforça a ideia de um ideal imposto a tais profissionais, cujo sofrimento se torna fraqueza e tal fraqueza não pode ser compartilhada nem com seus familiares. Frankl (1990), porém, traz o entendimento de que o não sofrer

pode ser eventualmente uma doença, na qual os estados psíquicos presentes no sujeito se tornam doentios. Assim, o não sofrer se torna um sofrimento.

No poema de Rabindranath Tagore, retratado por Frankl em uma conferência em 1946, ele traz o seguinte entendimento sobre trabalho e felicidade: “Adormeci e sonhei que a vida era alegria; despertei e vi que a vida era obrigação; trabalhei e vejo que a obrigação era alegria” (Frankl, 1946, p. 35)

Assim, o presente estudo busca compreender as forças traçadas dentro de diferentes sujeitos presentes na Polícia Militar, entrando em contato com profissionais, como uma forma de prestar escuta aos diferentes sentidos e dimensões de essência presentes ali.

1.4 Do sofrimento e superação humana através da possibilidade do encontro de sentido

O encontro humano com o sofrimento e a dor em sua vivência e diferentes experiências é algo normal dentro da vida do sujeito, estando esse sofrimento presente em diferentes momentos e etapas do cotidiano vivido. Porém, muitas vezes é percebido que lidar com tal sentimento, por muitos considerado como negativo, não é algo fácil ou encorajador; fazendo, assim, com que o indivíduo encontre como saída mais fácil a ideia de deixar de lado esse sofrimento em vez de trabalhá-lo.

Desse modo, quando o sofrimento não é visto como algo natural da vivência do ser humano, ele é compreendido como um entrave na vida do sujeito, por isso gera espaço para diferentes transtornos e sentimentos de insuficiência em face de não suportar a vida.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche aborda em suas diferentes obras um olhar humanizado para a dor e sofrimento, que são sentimentos inerentes e presentes no cotidiano e destino de todos os seres humanos. Mesmo sendo por muitos considerado um filósofo rebelde e com livros de caráter polêmicos, Nietzsche defende em suas obras o que ele entende como “filosofia afirmativa da vida”. (Silva, 2023).

Esse conceito de “filosofia afirmativa da vida” traz uma postura ontológica e existencial que valoriza, celebra e aceita a vida em sua totalidade — incluindo seus aspectos trágicos, caóticos e dolorosos — em oposição às tradições filosófico-religiosas que tendem a negá-la ou subordiná-la a valores transcendentais.

A filosofia afirmativa se manifesta, sobretudo, como uma crítica ao niilismo, que foi conceituado por Nietzsche (1882) como uma condição histórica e existencial, na qual o ser humano se depara com o vazio e a ausência de referenciais, sendo desafiado a criar novos valores e sentidos para sua vida.

Nietzsche (1889) titula sua filosofia como “Filosofia do Martelo” com o intuito de elucidar sua ideia inicial a qual estaria relacionada ao “martelar” os ídolos, que se compreendem como todo tipo de modelo mental que escraviza a mente e ação dos sujeitos.

O filósofo então, martela as pretensas certezas, sendo a sua filosofia pontuada e compreendida como uma filosofia de desconstrução, visto que busca mostrar que não existem verdades absolutas, mas sim vivências subjetivas de cada sujeito, que não podem ser medidas ou diminuídas em verdades absolutas, bem ou mal. (Silva, 2023).

Nesse sentido, o autor (1882) não traz em suas obras a ideia de amar o sofrimento e a vida em total dor, mas sim o entendimento de ser preciso que o sujeito ame a vida, e que o sofrimento faz parte da vida, não sendo necessário um tido de fuga ou escape desse sofrimento, mas sim de uma aceitação da vida e de um destino próprio de cada sujeito.

Em uma de suas expressões de “amor fati”, Nietzsche (1882) representa uma plena aceitação da imanência, na qual sua lição não se trata de uma aceitação passiva, muito menos de um acovardamento. O filósofo traz, então, a perspectiva de um não abaixar a cabeça e aceitar tudo que a vida lhe der de ruim, mas de amar seu destino próprio, sem deixar de lado sua vontade de potência, em si e no mundo. (Silva, 2023).

Na abordagem da atuação e vivência da Polícia Militar, é notório o aumento de pesquisas e artigos feitos de cunho Psicológico e Social, no campo da investigação a respeito da saúde mental desses trabalhadores.

Em diferentes pesquisas, os resultados similares mostram em partes essa negatória do sofrimento por parte dos policiais, pois muitas vezes lhe é imposto o pensamento de que demonstração de sofrimento e dificuldade é sinônimo de fraqueza para o órgão o qual representa.

De acordo com pesquisa feita pelo Anuário de Segurança Pública em 2024, ficou revelado que mais agentes militares tiraram sua própria vida do que foram assassinados durante folga. “O levantamento mostra que a pressão psicológica, jornadas exaustivas e exposição constante a situações de risco são alguns dos fatores apontados como gatilhos para o adoecimento mental.” (Cappelli, 2025)

Quando é posto o dia a dia e o enfrentamento desse sofrimento e dor, que estão presentes em todos os sujeitos independentemente do ambiente trabalhista, Nietzsche defende a necessidade de se viver a vida de forma integral e isso não desqualifica o sofrimento e a dor, nem mesmo implica que isso não deve ser superado ao invés de negado.

O pensador alemão não comprehende o sofrimento e a dor como um mal em si, mas como algo natural, parte da própria vida. Tendo em vista que encarado dessa forma, o sofrimento em vez de se tornar um fardo, um peso que se carrega, deve ser encarado como instrumento de superação do próprio homem. (Silva, 2023, p.4).

Com esse viés de pensamento, o sofrimento passa a ser encarado como uma possibilidade de libertação de tal dor, sendo tão importante quanto a felicidade, visto que é através desse entrave contra tamanha dor que é possível o sujeito encontrar uma sageza, assim como no prazer, pois assim como ele, o sofrimento faz parte de um elevado grau das forças que servem como suporte ao ser humano. (Nietzsche, 2010).

Quando o sofrimento vai ao encontro com um sentido e um “porque” de ser encarado, ele se torna mais leve de ser vivido e superado. Muitas vezes o que vai ao encontro com o sujeito está relacionado ao sofrimento dessa falta de sentido e perspectiva de algo maior em sua vivência.

A partir de uma perspectiva crítica, observa-se que o sofrimento gerado por essa atividade laboral da Polícia Militar, muitas vezes não se limita aos aspectos físicos e psicológicos, mas incorpora uma dimensão existencial significativa, relacionada à crise de sentido e à falta de reconhecimento no exercício da função.

Na teoria da psicodinâmica do trabalho, desenvolvida por Christophe Dejours (1993/2014), é destacado o sofrimento psíquico no trabalho, pontuando que ele emerge da tensão entre as exigências impostas pela organização e as possibilidades reais de ação do trabalhador para preservar sua integridade subjetiva.

Na Polícia Militar, essa tensão é exacerbada por situações de violência, hierarquia rígida e a necessidade de conformidade a padrões rígidos, que restringem a autonomia e o protagonismo do policial, promovendo um sofrimento, muitas vezes, silencioso e desqualificado (Nascimento & Silva, 2020).

Nesse sentido, pesquisas empíricas apontam que policiais militares relatam dificuldades em encontrar significado no trabalho devido à desumanização das relações internas e externas, à precarização das condições laborais e à falta de espaços institucionais para o diálogo e a construção coletiva de sentido (Santos, 2018; Oliveira & Rocha, 2021).

Essa constatação reforça a importância de intervenções organizacionais que promovam a valorização do sujeito e a reconfiguração das práticas institucionais, de modo a mitigar o sofrimento e restabelecer o sentido do trabalho policial.

Através do encontro do sentido dentro de sua atividade laboral, é possível que o profissional encontre meios e mecanismos de absorção e compreensão da necessidade do sofrimento na sua existência, assim o sofrimento acaba por perder o peso. “A falta de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até então se entendia sobre a humanidade”. (Nietzsche, 2020c, p.139).

Em paralelo, Frankl (2021) irá trazer em sua base da Logoterapia que o sofrimento possui em si uma razão de ser e por isso, consequentemente, possui em si um sentido, que cabe a cada indivíduo compreendê-lo. Assim, o sentido por

trás de tal dor e sofrimento não vai cair ao colo do ser, mas é algo a ser descoberto com o tempo, durante a vivência de tal sofrimento.

O referido autor (2021) irá trazer à tona o questionamento e compreensão de que assim como a vida possui em si um sentido, também o sofrimento irá ser repleto dele, uma vez que o sofrimento faz parte da vida humana e a forma como cada um irá lidar com o que ele traz é o que diferencia sua possibilidade de encontrar com tal significado.

Quando o sofrimento é posto como algo a ser pertencente quando necessário, tal sentimento deixa de ser um peso a ser carregado ou excluído, e passa então a ser algo que merece atenção e compreensão.

O ato de experimentar e ser atravessado pelas questões presentes na vida e no cotidiano é entender que essas são condições necessárias e razões próprias da existência, fazendo com que o ato de superá-las entregue ao sujeito um sentido e um amadurecimento humano, para que então se revele o modo propriamente humano de ser no mundo.

Frankl (2021) traz que:

Quando um homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua, única e original. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é única e original. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é única e exclusiva em todo o cosmo dentro deste destino sofrido. Ninguém pode assumir dela esse destino, e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento. Mas na maneira como ela própria suporta esse sofrimento está também a possibilidade de uma realização única e singular. (Frankl, 2021a, p.102-103, *apud* Silva, 2023, p.7).

Tal ideia, de que o sofrimento, embora inevitável em determinadas circunstâncias, pode representar uma oportunidade singular de realização existencial. Transpondo essa concepção para o contexto da Polícia Militar brasileira, observa-se uma convergência notável entre a experiência individual do sofrimento e o exercício profissional do policial militar.

O policial militar é compelido a encarar o sofrimento como parte intrínseca de sua jornada. Nesse cenário, o sofrimento não é apenas uma consequência, mas uma tarefa existencial que demanda resposta individualizada. Portanto, a

atuação do policial militar pode ser compreendida como um campo no qual a noção de destino sofrido encontra ressignificação.

É na forma como tal agente lida com o sofrimento, seja ele físico, emocional ou simbólico, que se torna um testemunho de sua singularidade e responsabilidade ética. Assim, a resiliência, o compromisso com o dever e a manutenção da integridade diante da adversidade revelam-se não apenas como virtudes profissionais, mas como expressões de uma realização humana única, forjada na tensão entre a dor e o sentido.

Na visão de ambos os autores acima, é notório que o tópico “sofrimento” é marcado com um sinônimo de grandeza de espírito daquele que encontrou um sentido na vida, trazendo a compreensão da possibilidade de ser maior que a dor e mudar-se a si mesmo, transformando a tragédia pessoal em triunfo.

Assim, ao invés de o ser evitar a dor e fugir do sofrimento iminente, ele deve entender que é nesse encontro que se faz possível a descoberta de um sentido por trás dele, fazendo algo desse sentimento e criando formas de vida a partir dele.

CAPÍTULO 2: ARTIGO CIENTÍFICO

2. ARTIGO CIENTÍFICO**LOGOTERAPIA E O SENTIDO DA VIDA NO ÂMBITO MILITAR: ENCONTRANDO
UM PROPÓSITO EM MEIO AO DEVER E AO SACRIFÍCIO**

Bruna Barreto Gomes^{1} & Patrick Wagner de Azevedo^{2**}*

RESUMO

GOMES, B. B; AZEVEDO, P. W. Logoterapia e o Sentido da Vida no Âmbito Militar: encontrando um propósito em meio ao dever e ao sacrifício.

O presente estudo tem como objetivo compreender os sentidos atribuídos ao trabalho na área militar, em especial na Polícia Militar, a partir da perspectiva da Logoterapia desenvolvida por Viktor Frankl. Partindo da premissa de que o ser humano é um sujeito em constante vivência e transitoriedade, busca-se identificar como a construção de significados auxilia policiais militares a enfrentar os desafios, riscos e sofrimentos inerentes à profissão. O estudo ancora-se na relevância social da Polícia Militar, instituição responsável pela preservação da ordem pública e da segurança da sociedade, mas que também se insere

em um contexto de elevada letalidade e de constantes exigências físicas e emocionais. Assim, buscou-se através de uma pesquisa bibliográfica e estudo de campo, utilizando da abordagem qualitativa, através do método fenomenológico, investigar a relação entre o dia a dia e atuação dos Policiais Militares com a criação e manutenção do sentido nessa área de atuação, buscando compreender a partir de um viés existencial e logoterapico, com obras de Viktor Frankl, como esses sujeitos superam os desafios e sofrimentos inerentes à carreira escolhida, encontrando um sentido de vivenciá-la todos os dias.

Palavras chave: Logoterapia, Sentido na Vida, Polícia Militar.

¹Aluna de Graduação do curso de Psicologia/ISECENSA;

²Doutor em Psicologia - UFF; Professor de Psicologia/ISECENSA - Institutos Superiores de Ensino do CENSA - ISECENSA; Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

(*) e-mail: brunagomes@isecensa.edu.br

(**) e-mail: patrickazevedo@isecensa.edu.br

LOGOTHERAPY AND THE MEANING OF LIFE IN THE MILITARY SETTING: FINDING PURPOSE BETWEEN DUTY AND SACRIFICE

Bruna Barreto Gomes^{1*} & Patrick Wagner de Azevedo^{2**}

ABSTRACT

GOMES, B. B; AZEVEDO, P. W. Logotherapy and The Meaning of Life in The Military Setting: finding purpose between duty and sacrifice.

This study aims to understand the meanings attributed to work in the military, particularly in the Military Police, from the perspective of Logotherapy developed by Viktor Frankl. Based on the premise that human beings are constantly experiencing and transient, the study seeks to identify how the construction of meanings helps military police officers face the challenges, risks, and suffering inherent to the profession. The study is anchored in the social relevance of the Military Police, an institution responsible for preserving public order and social security, but which also operates in a context of high lethality and constant physical and emotional demands. Thus, we sought, through bibliographic research and field study, using a qualitative approach, through the

phenomenological method, to investigate the relationship between the daily lives and performance of Military Police officers with the creation and maintenance of meaning in this area of activity, seeking to understand from an existential and logotherapeutic perspective, with works by Viktor Frankl, how these subjects overcome the challenges and suffering inherent in their chosen career, finding a meaning in experiencing it every day.

Keywords: Logotherapy, Meaning in Life, Military Police.

¹Undergraduate student in Psychology at ISECENSA (Higher Education Institutes of CENSA);

²Doctor in Psychology - UFF; Professor of Psychology at ISECENSA - Higher Education Institutes of CENSA - ISECENSA; Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, Brazil.

(*) e-mail: brunagomes@isecensa.edu.br

(**) e-mail: patrickazevedo@isecensa.edu.br

2.1 INTRODUÇÃO

Durante a vida e a trajetória do ser humano, é normal que surja o questionamento sobre o sentido de sua vida e o seu significado. Considerando que o sujeito é um ser de vivências e transitoriedade, a resposta para essa pergunta também é transitória e modificada durante períodos da vida.

Assim, a base teórica da Logoterapia desenvolvida por Viktor Frankl tem por objetivo ajudar o sujeito a compreender os diferentes sentidos inerentes à vida humana e como esses significados encontrados ajudam o ser a enfrentar o dia a dia e as dificuldades presentes em seu cotidiano.

Viktor Frankl (1992, p. 115) afirma que “a principal força motivacional do ser humano é a busca de sentido”, defendendo que a vida, em quaisquer circunstâncias, é sempre portadora de possibilidades de significado. Para o autor, ainda que o sofrimento seja inevitável, ele pode ser transformado em oportunidade de crescimento, uma vez que “quando um homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua, única e original” (Frankl, 2021a, p. 102).

Nesse contexto, existem situações na vida que fazem parte dos diferentes períodos do desenvolvimento humano, uma dessas etapas é a entrada no ambiente trabalhista e o encontro de sentido na área de atuação escolhida.

No campo da área militar, mais precisamente na Polícia, é comum a fala a respeito de uma estabilidade financeira e concursos a serem realizados nesse campo, porém o que muitos não pontuam é sobre as dificuldades enfrentadas não só no dia a dia mas também no processo seletivo para tal área.

A atuação da Polícia Militar está relacionada a garantir a segurança pública, atuando contra o crime, realizando rondas ostensivas e investigando ocorrências. Contando com sua presença constante nas ruas e em situações de risco à vida, a Polícia Militar desempenha um papel essencial na proteção dos cidadãos e na manutenção da ordem pública.

Todavia, o *ethos* policial-militar é marcado por rígida hierarquia, disciplina e obediência, fatores que moldam a identidade dos agentes, mas que também podem restringir sua subjetividade. Estudos apontam que tais práticas institucionais tendem a reforçar processos de coisificação, padronização de condutas e distanciamento emocional, tanto entre os policiais quanto em sua relação com a sociedade (Cabral & Coutinho, 2018).

A constante exposição à violência, a sobrecarga operacional e a precarização de recursos resultam em altos índices de adoecimento mental, como evidenciado no Anuário de Segurança Pública (2024), que revelou um número preocupante de suicídios entre militares, superando os casos de mortes em serviço (Cappelli, 2025).

Segundo artigo publicado em 2020 pela advogada Olga Câmara, é pontuado que o 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública coloca o Brasil no topo do ranking entre os países com a maior letalidade policial, tanto na condição de vítima como de algoz.

Diante disso, o presente estudo busca compreender os sentidos encontrados dentro do trabalho na área militar; visando, por meio de um estudo de campo, a entender as motivações pessoais e os significados que cada sujeito precisa encontrar para suportar os desafios, perdas e sofrimentos que se tornam mais comuns dentro do âmbito policial.

Assim, o presente trabalho traz como contribuição para o campo da Psicologia a promoção de uma reflexão que integra teoria existencial, prática institucional e realidade social. Mais do que uma análise sobre o trabalho policial, trata-se de uma investigação sobre a condição humana diante do dever, do sacrifício e da necessidade de encontrar um propósito. Como sintetiza Frankl (1992, p. 61), evocando Nietzsche: “quem tem um porquê, enfrenta qualquer como”.

A justificativa para a realização desta pesquisa encontra respaldo na necessidade de ampliar o olhar sobre os militares, não apenas como agentes de segurança, mas como indivíduos que vivenciam dilemas existenciais. Estudos recentes (Nascimento & Silva, 2020; Oliveira & Rocha, 2021) evidenciam que muitos policiais relatam dificuldades em encontrar significado no trabalho devido à rigidez hierárquica, à desumanização das relações institucionais e à falta de espaços de escuta. Dessa forma, investigar como o sentido pode ser construído ou resgatado no cotidiano da profissão torna-se um passo essencial para pensar políticas de valorização, prevenção ao adoecimento e promoção de saúde mental.

Nesse sentido, a Logoterapia oferece uma via de análise e intervenção capaz de ampliar a compreensão do trabalho policial. Frankl (1946, p. 46) já afirmava que “a vida sempre traz consigo uma possibilidade de ser configurada e vivida de tal forma em que sua existência seja dotada de sentido”. Essa afirmação se mostra pertinente para pensar a atuação policial, pois o encontro de sentido pode significar a diferença entre sucumbir à pressão da rotina ou transformar o dever em missão pessoal e vocacional.

Desse modo, o objetivo geral deste trabalho é compreender os sentidos atribuídos pelos policiais militares à sua atuação profissional à luz da Logoterapia.

2.2 METODOLOGIA

O objetivo que norteia a pesquisa é investigar a relação entre o dia a dia e atuação dos Policiais Militares com a criação e manutenção do sentido nessa área de atuação, buscando compreender a partir de um viés existencial e logoterápico como esses sujeitos superam os desafios e sofrimentos inerentes à carreira escolhida, encontrando um sentido de vivenciá-la todos os dias.

No que diz respeito à metodologia aplicada, optou-se pela pesquisa bibliográfica e estudo de campo, utilizando da abordagem qualitativa, através do método fenomenológico, já que a pesquisa possui em seu fundamento o propósito de enfatizar a essência do estudo de campo, através da compreensão da realidade vivida pelos sujeitos a serem entrevistados.

Como afirma Minayo (2014), esse tipo de abordagem trabalha com “o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. A perspectiva qualitativa ainda destaca a interpretação e o contexto como elementos fundamentais para compreender fenômenos sociais (Flick, 2009)

Segundo Amatuzzi (1996), a pesquisa fenomenológica se configura como uma modalidade de investigação qualitativa que se concentra na análise da vivência expressa pelo sujeito, ora fenômeno ali presente, ou seja, da experiência dotada de sentido e significados próprios, visando a capturar a complexidade e a riqueza do contexto estudado. Essa abordagem, também, abarca qualquer pesquisa que adote o vivido como guia ou método.

O presente trabalho propõe coletar dados para a revisão de literatura através do portal Periódicos Capes e Google Acadêmico. Foram encontrados vinte e dois artigos com o aproveitamento de quinze. Para o descarte dos quatro artigos, utilizou-se o critério de que não apresentavam acréscimos relevantes à presente pesquisa.

O principal autor que norteia o presente artigo é o Viktor Frankl, através de sua teoria da Logoterapia, que possui como base o entendimento pela busca do sentido da vida e a necessidade de ir ao encontro desses sentidos e significados próprios.

A pesquisa de campo foi aprovada pelo Comitê de Ética, possuindo como CAAE o número: 91891525.8.0000.5524. A coleta de dados para o estudo de campo

foi feita utilizando a entrevista aberta com uma pesquisa de cunho exploratório, através da análise do discurso dos sujeitos, feita de forma presencial com a Polícia Militar na cidade de Campos dos Goytacazes, com a amostra de 8 policiais que possuem sua atuação na cidade.

Cabe salientar que cada participante da pesquisa assinou um termo de livre consentimento, que resguarda os aspectos éticos-legais do sujeito e do trabalho de investigação, tendo sob seu entendimento que poderia desistir a qualquer momento da pesquisa.

Os participantes utilizaram de um codinome para assegurar o anonimato com estrita confidencialidade, garantindo ao indivíduo maior liberdade para responder às perguntas de forma aberta e honesta e não atingir sua privacidade.

O trabalho de campo ocorre em ambientes da vida real, com pessoas em seus papéis da vida real. Os ambientes [...], podem ser os lares das pessoas, locais de trabalho em empresas, ruas e outros espaços públicos, ou serviços como escolas ou clínicas de saúde. (Yin, 2016, p. 98).

2.3 RESULTADOS

Com base nos dados obtidos através da pesquisa de campo realizada com os policiais militares atuantes na cidade de Campos dos Goytacazes, através da aplicação de entrevistas abertas, de caráter exploratório, com oito profissionais da área, procurou-se identificar como os diferentes sentidos atribuídos à vida influenciam na construção de um propósito existencial frente às exigências do dever e aos desafios presentes no dia a dia desses profissionais.

Desse modo, a análise dos discursos seguiu a abordagem qualitativa de orientação fenomenológica, buscando apreender o modo como cada indivíduo vivencia e significa sua experiência profissional no contexto militar.

Para a coleta de dados, foram utilizadas 11 perguntas, dentre elas temos:

1. O que te motivou na escolha da área da Polícia Militar?

“Foi o senso de justiça. Quando eu era mais novo, tinha o costume de comprar as brigas dos oprimidos na escola, defendia eles de quem queria fazer brincadeiras. Entrar para polícia foi uma forma de continuar colocando esse sentimento de justiça em prática” (Policial 1)

“Eu sempre tive uma grande admiração pelas forças armadas de forma geral, pesquisava bastante sobre isso e sobre os ideais do exército, mas quando eu entrei para polícia, eu ainda não tinha ela viva dentro de mim,

acabei escolhendo essa área devido ao desemprego e com o tempo a polícia foi se tornando parte de mim" (Policial 2)

"Foi algo natural, meu pai é policial então isso está no sangue da nossa família. Sempre recebi esse incentivo em casa." (Policial 3)

Os outros 5 policiais entrevistados responderam que foi devido a estabilidade do concurso público e pela necessidade devido ao desemprego.

2. Alguém da sua família atua ou já atuou nesse campo?

"Não, pelo contrário, no início eles eram contra por medo dos riscos relacionados à profissão" (Policial 1)

"Sim, o meu pai! De certa forma ele serviu como uma motivação para eu entrar para a polícia também." (Policial 3)

"Sim, meu tio era policial e eu achava bonito a profissão e a farda." (Policial 4)

"Sim, meu primo era, mas não sinto que isso tenha sido uma influência em minha escolha" (Policial 6)

Os outros 4 policiais apenas responderam que não, sem se prolongar muito na resposta.

3. O que a farda representa para você?

"É um orgulho, uma forma de mostrar que eu me importo com pessoas que eu não conheço. Mostra que eu dou a vida pela população" (Policial 1)

"É um simbolismo de coragem, força, masculinidade. Representa que eu tenho que lidar com o confronto. De certa forma, também mostra uma hierarquia" (Policial 2)

"É um escudo, mas também uma identidade" (Policial 3)

"Representação de muita responsabilidade com a sociedade, e isso é um ponto positivo." (Policial 4)

"Para mim representa a presença do Estado nos lugares, mostra que eu sou um prestador de serviço." (Policial 5)

"Na minha opinião, não tem representação, é um instrumento de trabalho." (Policial 6)

"Meu ganha pão." (Policial 7)

"Representa o caminho do bem e a prestação de ajuda à população" (Policial 8)

4. O que você pensa sobre a visão populacional a respeito do órgão da Polícia Militar?

"É algo que me deixa triste, mas sei que vem devido ao mau exemplo de outros colegas de profissão que acabam manchando a polícia. Sinto que atualmente as pessoas olham para o policial com uma visão de preconceito

e humilhação, acabando por generalizar esses erros, como se todos nós fossemos assim. Sinto que a polícia é uma profissão onde não se tem espaço para o erro." (Policial 1)

"Eu vejo a sociedade atual como uma sociedade muito conservadora, onde a população não suporta o ladrão. Um exemplo disso é que quando ocorre um crime ou um roubo e a polícia demora a ser acionada ou demora a chegar no local, a população que está presente quer linchar o ladrão e fazer justiça com as próprias mãos ali mesmo. Então, eles acabam vendo a polícia como um meio de punição, mas não precisa ser necessariamente assim." (Policial 2)

"É uma visão deturpada e desrespeitosa. A mídia acaba por alimentar isso, onde o que viraliza da polícia, em sua maioria, são apenas os atos errados de uma minoria dos policiais, mas aquele policial que respeita as regras, normas e que age com o bem na sociedade, isso a mídia não compartilha." (Policial 3)

"É uma visão fácil e não problematizante. As pessoas não vivem no meio policial e não sabem como é difícil ter que tomar uma decisão de vida ou morte em questão de segundos, então é fácil julgar de fora." (Policial 4)

"Sinto que é uma visão desgastada devido a uma má atuação da minoria, o que acaba estigmatizando toda a corporação de policiais." (Policial 5)

"Na minha opinião a visão populacional atual é uma hipocrisia! As pessoas querem julgar, mas não se colocam no lugar para de fato atuarem na profissão." (Policial 6)

"Acredito que atualmente a população não acredita mais na atuação dos policiais de forma geral, devido a uma minoria de maus profissionais. No final todos nós pagamos esse preço." (Policial 7)

"Creio que seja um julgamento errôneo. As pessoas esquecem que também somos seres humanos, mas que, diferente deles, nós somos quem precisamos tomar uma decisão importante em segundos." (Policial 8)

5. Quais as principais dificuldades enfrentadas no seu cotidiano profissional?

"A preocupação do crescimento da criminalidade e a falta de apoio social, onde a gente acaba tendo que se submeter a certas coisas devido essa falta de apoio." (Policial 1)

"Acho que a maior é uma dificuldade estrutural de segurança pública, pois temos uma falta de mão de obra militar grande, porém com uma demanda ainda maior da criminalidade. Muitas vezes nos faltam recursos para nossa melhor atuação, como por exemplo a pouca disponibilidade de carros, entre outros. Além disso, existe também uma não compreensão da ação policial por parte da sociedade. O social nos ama quando vamos atrás de um bandido que fez algo errado para ela, mas quando ela é o'bandido', aí nos tornamos ruins". (Policial 2)

"A escala apertada e excessiva de serviço, onde muitas vezes temos que fazer extra." (Policial 5)

"Acredito que não tenha nenhuma dificuldade." (Policial 6)

“A falta de liberdade e acabar ficando sempre ligado, até fora do horário de atuação nós policiais não conseguimos descansar por estarmos na mentalidade da atuação. Por exemplo, muito provavelmente você nunca vai ver um policial sentado de costas para rua em um restaurante, porque isso indica vulnerabilidade perante ao que pode estar acontecendo na rua. Além disso, existe o fato de você acabar criando muitos inimigos apenas por ser policial.” (Policial 7)

Os 3 restantes afirmaram que a maior dificuldade está atrelada a má visão populacional a respeito da atuação militar.

6. No dia a dia da sua atuação, o que te motiva a continuar em meio às dificuldades?

“Manter o meu caráter, minha índole e minha natureza, sempre lutando pelo que eu acredito.” (Policial 1)

“Continuar fazendo o que é correto, mesmo em meio às dificuldades. Eu acredito muito que podemos ajudar o outro pela conversa e não pela violência.” (Policial 2)

“O que me motiva é o fato de eu gostar muito da profissão, acho que é o melhor emprego do mundo.” (Policial 3)

“Saber que eu tenho a responsabilidade de fazer um bom serviço e um dever com a sociedade.” (Policial 4)

“Primeiramente é a necessidade da renda, mas atualmente com 27 anos de serviço como policial militar, acredito que o que me motiva é o apreço que desenvolvi pela profissão.” (Policial 5)

“A vontade de terminar meu ciclo como policial, vou me aposentar em 6 anos.” (Policial 6)

“Eu trabalho no Fórum, então aqui eu não tenho o que reclamar, mas acredito que na rua nada me motivaria, não vale a pena.” (Policial 7)

“Não deixar que a situação das ruas piore.” (Policial 8)

7. Você sente medo durante certos momentos?

“Sim, o medo de errar e acabar sendo injusto em alguma situação.” (Policial 1)

“Sinto sim, mas não posso ser movido por ele, porque se fosse nenhum policial entraria na viatura. É necessário que a gente controle o medo devido ao nosso compromisso com a sociedade.” (Policial 2)

“Sim, mas o dever com a sociedade me faz superá-lo.” (Policial 4)

Os demais 5 policiais afirmaram que não sentem medo, mas sim uma cautela devido aos riscos.

8. Já teve um momento que você pensou em desistir? Se sim, o que fez você continuar?

“No início sim, porque eu ainda não entendia o que a polícia representava, mas depois que entendi a importância do órgão, não pensei mais.” (Policial 2)

Os policiais 5 e 7 afirmaram que já pensaram em desistir, mas persistem pela necessidade do emprego e pela falta de uma segunda opção.

Os outros 5 afirmaram que nunca pensaram em desistir.

9. O que o seu eu de agora diria de conselho para o seu eu iniciante na carreira?

“Falaria para ele ser menos sonhador, mais pé no chão. Diria que ele não deve confiar tanto assim nas promessas dos outros e falaria para ele entender desde cedo que quando ele errar, ele vai estar sozinho.” (Policial 1)

“Diria que a polícia é uma instituição de valor na sociedade, é o divisor entre o bem e o mal. Aconselharia ele a estudar mais também.” (Policial 2)

“Diria para ele ter mais calma. Porque entrei quando tinha 20 anos, então eu não tinha tanta calma para as coisas.” (Policial 3)

“Não falaria nada, tudo aconteceu de forma natural.” (Policial 4)

“Seja correto, leal, honre seus pais e tenha temor a Deus” (Policial 7)

“Faça o bem.” (Policial 8)

Os outros dois afirmaram que dariam o conselho de estudar mais.

10. Você tem alguma sugestão ou crítica a esse trabalho?

“Não. Gostaria apenas de falar para que você continue fazendo trabalhos assim e que mais pessoas busquem dar voz ao nosso lado da história.” (Policial 1)

“Apenas a dica para que em uma próxima oportunidade você grave o áudio da entrevista.” (Policial 2)

“Não, acho inclusive que o trabalho deve ser feito em mais escala.” (Policial 3)

“Não, não. Me sinto apenas privilegiado pela oportunidade de escuta.” (Policial 5)

Os quatro restantes afirmaram apenas que não.

11. Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar que ainda não foi falado?

“Sim, gostaria de contar o que eu almejo para o futuro. Desejo minha aposentadoria saudável e quero deixar um legado como bom profissional.” (Policial 1)

"Sim, gostaria de acrescentar que muitas vezes a sociedade tem uma visão de que a lei é melhor aplicada no outro, e quando é com ela, a lei se torna ruim." (Policial 2)

Os seis restantes afirmaram que não.

2.4 DISCUSSÃO

Através da análise dos discursos e perspectivas encontradas através da entrevista, a fala dos policiais é marcada por sentidos subjetivos que conversam entre si e mostram em suas condutas o reflexo do que cada um deles acredita e conceitua como órgão e atuação da polícia militar.

Ao traçar um marco em determinadas perguntas, é possível extrair delas a sensação de pertencimento e comprometimento social, por isso muitas respostas são marcadas pela presença da sensação de dever e compromisso com a sociedade.

Eucken (1962) destaca a importância da liberdade e da responsabilidade na construção do sentido da vida. Ele afirma que a verdadeira liberdade não é a ausência de restrições, mas a capacidade de escolher o bem e agir de acordo com valores superiores. Essa liberdade implica uma responsabilidade ética diante de si mesmo e da sociedade.

Assim, em alguns momentos e relatos dos policiais, é possível notar em suas falas tal compromisso e responsabilidade com a sociedade e com a verdade que é pregada na organização e, onde durante certas perguntas, é possível resgatar que o sentido, motivação e representação desses policiais perante a sociedade e ao seu trabalho está voltada a esse dever e responsabilidade.

Saber que eu tenho a responsabilidade de fazer um bom serviço e um dever com a sociedade. (Policial 4, para pergunta 6)

É um orgulho, uma forma de mostrar que eu me importo com pessoas que eu não conheço. Mostra que eu dou a vida pela população (Policial 1, para pergunta 3)

A respeito da instituição policial e as construções simbólicas que operam dentro e fora como dispositivos estruturais e *ethos* policial-militar, como a farda e moldes hierárquicos de conduta, possibilitando que a figura policial seja reconhecida por qualquer sujeito que com ela interaja, carrega em si símbolos que exercem fortes influências sobre os processos de subjetivação dos agentes militares, como bem é retratado na fala do Policial 7 quando ele diz que sua maior dificuldade na atuação é

A falta de liberdade e acabar ficando sempre ligado, até fora do horário de atuação nós policiais não conseguimos descansar por estarmos na

mentalidade da atuação. Por exemplo, muito provavelmente você nunca vai ver um policial sentado de costas para rua em um restaurante, porque isso indica vulnerabilidade perante ao que pode estar acontecendo na rua. Além disso, existe o fato de você acabar criando muitos inimigos apenas por ser policial. (Policial 7, pergunta 5).

O conceito de *ethos* dentro da Polícia Militar pode ser entendido então como um conjunto de valores, normas, crenças e práticas que moldam a identidade, os comportamentos e as atitudes dos indivíduos dentro da instituição policial-militar. (Cabral e Coutinho, 2018)

Assim, tal conceito está relacionado a uma cultura organizacional específica que influencia a forma como os policiais percebem sua função, sua relação com a sociedade e com seus colegas de trabalho, assim como a maneira como se identificam com a hierarquia e com os ideais da disciplina militar. Pode-se estar relacionado a um conjunto de regras implícitas e simbólicas que regula as interações dos indivíduos dentro da corporação, sustentando a percepção de autoridade e de obediência.

Tal entendimento acaba por promover comportamentos que são, muitas vezes, internalizados pelos policiais ao longo de sua formação e experiência profissional, daí se cria um senso de pertencimento e lealdade à instituição, além de reforçar a ideia de que os policiais são agentes encarregados de manter a ordem e proteger a sociedade, muitas vezes de forma autoritária e distante da figura de um servidor público comum.

Desse modo, as falas de determinados policiais durante toda a pesquisa demonstram essa visão de pertencimento para com o órgão policial, e uma necessidade e dever de proteção da sociedade, uma vez que muitos trouxeram a impossibilidade do sentimento de medo em seu dia a dia, pois o seu dever perante a sociedade deve ser sempre maior que esse sentimento.

A respeito da problemática levantada durante as entrevistas sobre a visão populacional do órgão da polícia militar, foi unânime o descontentamento dos profissionais e a sensação de não compreensão de sua atuação por parte da sociedade, porque muitos pontuaram que a sociedade possui uma visão deturpada e voltada apenas para o que a mídia relata.

Assim, o que vemos, atualmente, da Polícia Militar é o reflexo da sociedade em que estamos inseridos, e a forma de visão e perspectiva que teremos a respeito de sua atuação é fruto desse lugar e dessa cultura. Em 2020 a mídia do mundo presenciou um atentado contra a vida de um homem negro nos Estados Unidos, o George Floyd, fato esse que percorreu os meios de comunicação com a mensagem unânime de criminalização do policial presente no momento retratado.

A visão de descontentamento populacional não deve ser ignorada, mas apenas discutida a partir da generalização da perspectiva da má atuação das Polícias Militares. Como um órgão de segurança e defesa da lei e da sociedade, é comum que sua atuação seja retratada em confrontos armados e muitos resultam em mortes. Essa discussão é necessária, mas a problematização da violência social e necessidade de força bruta nas abordagens policiais é algo de cunho político e estatal.

Assim, mesmo com as modificações sociais e avanços ao longo dos anos, em que a Instituição Polícia passou por transformações, evoluindo de um órgão repressor estatal para um órgão defensor da lei e da sociedade, servindo ao Estado e à coletividade, a visão atual e a “má atuação da minoria”, como pontuado pelos policiais entrevistados, acabam por distanciar a relação policial-social.

As diferenças nas perspectivas de certo e errado, tanto da população para com os policiais, quanto dos policiais para com a população, demonstram a necessidade de uma implementação de ações e estratégias que busquem essa aproximação e, também, uma atuação mais humanizada no enfrentamento da criminalidade. “Eu acredito muito que podemos ajudar o outro pela conversa e não pela violência.” (Fala do Policial 2)

No fim do século XIX e início do século XX, foi notada a necessidade de uma implementação e modificação do “Modelo Policial Profissional”, trazendo à tona a perspectiva da importância da profissionalização e modernização do modelo que revogou a época, trazendo em suas bases princípios burocráticos e militares, e com ênfase na aplicação da lei. Esse modelo inserido exerceu influência substancial sobre a estrutura organizacional e as práticas operacionais das instituições policiais, promovendo a modernização e a profissionalização do setor de segurança pública. Contudo, a rigidez inerente a esse modelo, bem como seu foco predominante na aplicação estrita da lei, tem sido objeto de críticas.

Entretanto, como forma de fortalecimento da confiança populacional na atuação militar, tal modelo propõe a valorização da ética e da disciplina, entendidas como pilares indispensáveis para assegurar a integridade institucional. Assim, a promoção de uma conduta ética, associada à honestidade e à disciplina no exercício das funções, contribui para a construção de uma imagem institucional respeitável e comprometida com os direitos dos cidadãos.

Adicionalmente, o modelo profissional pressupõe a capacidade de adaptação dos policiais a diferentes contextos operacionais, desde ações de policiamento ostensivo até investigações complexas. Essa flexibilidade operacional é

essencial para responder às diversas demandas da sociedade contemporânea em matéria de segurança pública.

Contudo, a implementação desse modelo não está isenta de desafios. Um dos principais obstáculos refere-se à necessidade de investimentos contínuos, tanto em formação quanto em infraestrutura e equipamentos adequados, que permitam aos agentes desempenhar suas funções de forma eficiente. Outro desafio relevante é a mudança cultural dentro das corporações, exigindo a superação de práticas arraigadas e a adesão dos policiais a uma nova abordagem pautada na ética, no respeito aos direitos humanos e na profissionalização. (Poncioni, 2005)

Destaca-se, também, a importância do engajamento comunitário, visto que a eficácia das políticas de segurança pública está fortemente condicionada à participação ativa da sociedade na construção de soluções para os problemas locais.

Nesse contexto, faz-se necessário a busca por um diferente olhar sobre a atuação e presença das Políticas Militares brasileiras em seu dia a dia, buscando entender a visão e perspectiva desses profissionais que em seu cotidiano estão sujeitos a diferentes formas de violência e negligência estatal, tendo como ressalto a subjetividade e experiência das práticas atuais.

Com esse viés em mente, o Instituto de Segurança Pública (ISP) - RJ SEGURANÇA, vinculado à Secretaria de Estado de Segurança Pública do Rio de Janeiro (SESP), elaborou um projeto com o objetivo de implementar um programa de formação profissional para policiais dentro da política estadual de segurança pública.

Tal iniciativa visa a fortalecer a atuação das polícias e contribuir para a redução da violência e da criminalidade no estado. O pilar da política estadual de segurança pública com foco na formação profissional, possui sua base na busca pela melhoria do serviço prestado à população e a redução da violência. (Poncioni, 2005).

Durante as mudanças sofridas, ao decorrer dos anos, surgiram novas formas de policiamento dentro da Polícia Militar. Dentre elas, a Polícia Comunitária, cujo objetivo principal é o estreitamento das relações entre a corporação e a população, e a polícia de proximidade, que se caracteriza pela atuação focada em áreas específicas, com o propósito de compreender as demandas locais e os problemas vivenciados pela comunidade.

Tais estratégias representam uma evolução do modelo policial profissional, na medida em que procuram aliar a eficiência operacional à construção de vínculos de confiança e respeito mútuo entre a polícia e os cidadãos. (Vantroba; Camargo; Prazeres; Lima, 2023)

Na teoria da Logoterapia proposta por Viktor Frankl (1992), o autor pontua que o ser humano não possui um sentido inato dentro de si, mas sim uma vontade de sentido e liberdade de ir ao encontro dela. Assim, esses sentidos presentes na vida do sujeito são encontrados por ele de forma única e pessoal durante seu desenvolvimento linear como indivíduo.

O pensador, em uma das suas conferências ministradas, traz o olhar sobre a construção do sentido na vida humana, pontuando que a vida sempre irá fornecer uma possibilidade de realização de sentido para os sujeitos. Por isso, pode-se compreender que, facultativamente, a vida sempre terá um sentido próprio, podendo a existência humana ser compreendida como algo a ser moldada com sentido até o último suspiro. (Frankl, 1946 , p. 46)

Para o criador da Logoterapia, é possível compreender no sujeito três formas de ir ao encontro do sentido de sua vida, por meio da capacidade de amar, de trabalhar e de suportar o sofrimento.

Assim, Frankl irá trazer a ideia de construção de sentido diante do sofrimento, já que o ser é capaz de, quando em encontro com situações de risco ou dor, encontrar bases e sentidos para sua vida, mantendo-o firme para suportar sua caminhada naquele lugar ou situação.

Durante a entrevista, os policiais compartilharam diversas motivações e sentidos que lhes mantém firmes em seus cotidianos, mesmo em meio às dificuldades eles conseguem persistir graças a esse sentido que depositam em sua atuação, sendo ele a responsabilidade familiar ou social.

“Saber que eu tenho a responsabilidade de fazer um bom serviço e um dever com a sociedade.” (Policial 4, resposta para pergunta 6)

“Primeiramente é a necessidade da renda, mas atualmente com 27 anos de serviço como policial militar, acredito que o que me motiva é o apreço que desenvolvi pela profissão.” (Policial 5, resposta para pergunta 6)

Porém, as falas trazidas pelos profissionais, também, são marcadas por uma dualidade, em que muitos trazem suas representações e entendimentos dos sentidos presentes na atuação policial e no cotidiano da profissão, enquanto outros abordam a realidade vivida da necessidade e falta de outra opção de trabalho.

Os outros 5 policiais entrevistados responderam que foi devido a estabilidade do concurso público e pela necessidade devido ao desemprego. (Pergunta 1)

Os policiais 5 e 7 afirmaram que já pensaram em desistir, mas persistem pela necessidade do emprego e pela falta de uma segunda opção. (Pergunta 8)

Nessa perspectiva, o pensador base da Logoterapia traz em sua análise o entendimento de que não devemos tentar tirar o sofrimento do ser humano, mas ter nessa dimensão a perspectiva de que é nos momentos de tensão que o homem se encontra desafiado a cumprir esse sentido potencial de sua vida. Entendendo que:

Na verdade, o homem não precisa de um estado sem tensões, mas de luta: a luta por um objetivo que valha a pena, uma causa escolhida livremente. Precisa não da descarga da tensão a qualquer custo, mas da chamada de um sentido potencial esperando para ser realizado por ele; não da homeostase, mas do que chamo de “noodinâmica, ou seja, uma dinâmica existencial baseada numa saudável tensão entre o sentido a ser realizado e o indivíduo que o realizará. (Frankl, 1992, p. 117).

Tendo essa perspectiva como base e entrelaçando-a com o mencionado a respeito da área militar, é notório uma semelhança no discurso de Frankl com a vivência desses sujeitos, buscando relacionar a descoberta do sentido próprio com a capacidade de suportar sofrimento e trabalho que o autor propôs.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito do que foi trabalhado na presente pesquisa, buscou-se identificar de que forma os diferentes sentidos encontrados na vida influenciam na capacidade do sujeito de ter um propósito em suas funções na área militar. A partir da perspectiva da Logoterapia, proposta por Viktor Frankl, buscou-se compreender como a vontade de sentido se manifesta entre policiais militares e de que modo essa dimensão existencial se articula às exigências de dever, disciplina e sacrifício inerentes à profissão.

Os resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas com policiais militares atuantes na cidade de Campos dos Goytacazes evidenciam que, apesar das adversidades enfrentadas no exercício da função, como a falta de reconhecimento social, a precariedade estrutural e os riscos constantes, há entre os profissionais uma presença significativa de motivações existenciais que sustentam a permanência e o comprometimento com a profissão. Muitos participantes relataram encontrar sentido em valores como justiça, proteção, honra e responsabilidade social, reafirmando o papel da polícia como instrumento de defesa e de cuidado com a coletividade.

Observou-se, entretanto, que a percepção social negativa acerca da atuação policial e a carência de apoio institucional configuram-se como fatores de sofrimento psíquico, que impactam diretamente na construção do sentido de vida desses profissionais. Essa tensão entre o dever e o reconhecimento social acaba por gerar uma contradição existencial, na qual o policial se vê desafiado a manter sua identidade e propósito em meio à desvalorização e à incompREENSÃO pública. Nesse ponto, a teoria de Frankl se faz particularmente pertinente, pois propõe que o ser humano é capaz de encontrar sentido até mesmo nas situações de dor e contradição, transformando o sofrimento em possibilidade de realização pessoal e profissional.

Assim, à luz da Logoterapia, comprehende-se que o militar encontra no cumprimento do dever e na entrega à missão não apenas uma obrigação institucional, mas uma via de expressão do próprio sentido existencial. A busca por significado aparece como um elemento estruturante da resistência emocional e psicológica, permitindo que esses profissionais suportem o peso do cotidiano e encontrem propósito mesmo em meio ao risco e à incerteza. Essa relação entre dever e sentido se revela como um dos eixos fundamentais para a preservação da saúde mental e para o fortalecimento do compromisso ético com a sociedade.

Além disso, a presente pesquisa evidencia que a formação do *ethos* policial-militar, permeado por valores como hierarquia, disciplina e lealdade, pode tanto fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade, quanto gerar distanciamento e rigidez emocional, especialmente quando desvinculado da dimensão humana e subjetiva da experiência policial. A inclusão de práticas formativas que promovam o autoconhecimento, o diálogo e a reflexão sobre o sentido da própria atuação pode contribuir significativamente para uma vivência mais saudável e autêntica da profissão.

Dessa forma, conclui-se que a Logoterapia oferece importantes contribuições à Polícia Militar ao reconhecer que mesmo nas condições mais desafiadoras o indivíduo pode escolher sua atitude e atribuir significado à sua experiência. Assim, Frankl possibilita uma leitura humanizada da prática policial, que ultrapassa o reducionismo funcional e resgata a dimensão existencial do trabalho.

Por fim, este estudo reforça a necessidade de políticas institucionais voltadas à valorização do policial enquanto sujeito, e não apenas como agente de segurança. A escuta ativa, o suporte psicológico e a formação ética contínua são caminhos possíveis para favorecer a construção de sentido e o fortalecimento da identidade profissional. Assim, compreender o sentido da vida no âmbito militar é reconhecer que, mesmo em meio ao dever e ao sacrifício, permanece viva a

possibilidade de encontrar propósito àquilo que, em última instância, dá valor e direção à existência humana.

2.6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Carlos de; OLIVEIRA, Paulo Sérgio de; SILVA, Maria Aparecida da. **O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do Estado do Rio de Janeiro.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 20, n. 3, p. 573–589, dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922005000300005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/YyvWW87zPp6XKF7CCkjzrTs/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2025.

AQUINO, T. **Logoterapia e análise existencial.** São Paulo: Paulus, 2013.

CÂMARA, Olga. **Polícia brasileira: a que mais mata e a que mais morre.** Jusbrasil, 16 mar. 2011. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/policia-brasileira-a-que-mais-mata-e-a-que-mais-morre/816839100>. Acesso em: 20 maio 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANKL, V. **Em busca de sentido.** Campinas: Auster, 2023.

FRANKL, V. **Sobre o sentido da vida.** Petrópolis: Vozes Ltda, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

VANTROBA, Rodrigo; CAMARGO, Nayara; PRAZERES, Fabiano da Silva dos; LIMA, Luciano Antunes de. **A polícia comunitária como ferramenta de aproximação à comunidade: da teoria à prática.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 9, n. 5, p. 3438–3453, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i5.10144>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10144>. Acesso em: 20 maio 2025

YIN, Robert K.. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.

CAPÍTULO 3: REFERÊNCIAS E ANEXOS

ALMEIDA, José Carlos de; OLIVEIRA, Paulo Sérgio de; SILVA, Maria Aparecida da. **O modelo policial profissional e a formação profissional do futuro policial nas academias de polícia do Estado do Rio de Janeiro.** Sociedade e Estado, Brasília, v. 20, n. 3, p. 573–589, dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922005000300005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/YyvWW87zPp6XKF7CCkjzrTs/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2025.

AQUINO, T. **Logoterapia e análise existencial.** São Paulo: Paulus, 2013.

CABRAL, Fernanda; COUTINHO, Marco Antônio. **Do trauma à possibilidade de uma narrativa: notas sobre a psicanálise em um Batalhão de Polícia Militar.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia. set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rtpf/a/83mnzgM46YRpfdfkCJc6JG/>. Acesso em: 20 maio 2025.

CABRAL, Lucas. **História das polícias militares no Brasil e da Brigada Militar no Rio Grande do Sul.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, jul. 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856588_fe9f3fbb15fe4813d02f51dc0547a374.pdf. Acesso em: 20 maio 2025.

CÂMARA, Olga. **Polícia brasileira: a que mais mata e a que mais morre.** Jusbrasil, 16 mar. 2011. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/policia-brasileira-a-que-mais-mata-e-a-que-mais-morre/816839100>. Acesso em: 20 maio 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANKL, V. **Em busca de sentido.** Campinas: Auster, 2023.

FRANKL, V. **Sobre o sentido da vida.** Petrópolis: Vozes Ltda, 2021.

LIMA, Rogério Fernandes; RIBEIRO, Marcelo Dergos. **A polícia brasileira: instituição de Estado e não órgão de governo.** Jus.com.br, 16 mar. 2011. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/18669/a-policia-brasileira-instituicao-de-estado-e-nao-organizacao-de-governo>. Acesso em: 20 maio 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, Neir. **Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa.** Psico-USF, v. 15, n. 3, p. 281–289, dez. 2010. DOI: 10.1590/S1413-82712010000300008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/HxrrqnNtNcfvGT5xQwbnNTf/>. Acesso em: 20 maio 2025.

NASCIMENTO, J. R.; SILVA, T. R. **Sofrimento psíquico e saúde mental na polícia militar: desafios da prática cotidiana.** Revista Psicología & Sociedade, 32(e013456), 1-11, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-03102020v32e013456>. Acesso em: 20 maio 2025.

NASCIMENTO, Raul Bruno Tibaldi; DIAS, Tatiane Lebre. **Teste propósito de vida: propriedades psicométricas e evidências de validade.** Avaliação Psicológica, v. 18, n. 2, p. 176–182, abr./jun. 2019. DOI: 10.15689/ap.2019.1802.15459.08. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712019000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 maio 2025.

OLIVEIRA, F. R.; ROCHA, M. A. **Sentido e sofrimento no trabalho policial: análise qualitativa com policiais militares.** Revista Brasileira de Segurança Pública, v. 15, n. 3, p. 45–60, 2021.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Luana Minharo dos. **Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua.** Sociologias, v. 12, n. 25, p. 225–249, dez. 2010. DOI: 10.1590/S1517-45222010000300009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/kRWWYHPFpWbvhGmMdbjtqcp/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2025.

PODPAH, Galo de luta e Cahvoso da USP. Youtube, jul. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gekImvEaWt0>. Acesso em: 07 agosto 2025.

SAMICO, Fernanda Cabral. **A escuta clínica de policiais militares: violência, trauma e sintoma.** Revista Mosaico, v. 7, n. 2, p. 10–14, 2016. DOI: 10.21727/rm.v7i2.465. Disponível em: <https://doaj.org/article/c8c7131681154f28bce2fdccc4d1f2bc>. Acesso em: 20 maio 2025.

SANTOS, Thalyta Brito Rafael dos; SOUZA, Evanice Avelino de; ALVES, Felipe Rocha. **Falta de reconhecimento profissional: principal motivo de estresse em policiais militares.** Revista Brasileira de Medicina do Trabalho, v. 20, n. 3, p. 2900, 2022. DOI: 10.47626/1679-4435-2022-749. Disponível em: <https://www.rbmt.org.br/details/1706/pt-BR/falta-de-reconhecimento-profissional-principal-motivo-de-estresse-em-policiais-militares>. Acesso em: 20 maio 2025.

SILVA, José Antonio. **O sofrimento como mecanismo de superação do ser em Nietzsche e Frankl.** Revista Interdisciplinar, v. 8, n. 3, dez. 2023. DOI:

<https://doi.org/10.52641/cadcajv8i3.141>. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/141>. Acesso em: 22 maio 2025.

SOUZA, Renan Medeiros de; COUTO, Marília Novaes. **Do trauma à possibilidade de uma narrativa: notas sobre a psicanálise em um Batalhão de Polícia Militar.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 22, n. 3, p. 568–589, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rtpf/a/83mnzgM46YRpfdfkCJc6JG/>. Acesso em: 20 maio 2025.

VANTROBA, Rodrigo; CAMARGO, Nayara; PRAZERES, Fabiano da Silva dos; LIMA, Luciano Antunes de. **A polícia comunitária como ferramenta de aproximação à comunidade: da teoria à prática.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 9, n. 5, p. 3438–3453, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i5.10144>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10144>. Acesso em: 20 maio 2025.

YIN, Robert K.. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.